

Tempo e Espaço na Ficção

Português

Enviado por: _tatiane_valeria@seed.pr.gov.br

Postado em: 14/12/2015

Por Nelson de Oliveira* As categorias da narrativa são basicamente seis: narrador, personagem, tempo, espaço, enredo e linguagem. Narrador, personagem, enredo e linguagem são as que recebem mais atenção dos ficcionistas. Tempo e espaço, ao contrário, são as categorias que os ficcionistas menos reelaboram e subvertem. Há algo de aparentemente inflexível na noção cotidiana de tempo e espaço, algo que parece fixo e imutável. Talvez por isso os escritores se esforcem tanto pra manter a corriqueira ilusão espaçotemporal, de índole naturalista. Podem até inventar narradores excêntricos e personagens bizarros vivendo aventuras insólitas, mas, nos quesitos tempo e espaço, preferem não fugir da tradicional ordem cronológica e geométrica dos fatos. Escolhem reforçar a ilusão de causalidade, em vez de desmontá-la. Na literatura e no cinema, porém, há exemplos excelentes de narrativas que tratam o tempo e o espaço de maneira pouco convencional. Tempo No romance *Um dia*, o narrador de David Nicholls acompanha os protagonistas durante duas décadas, mas cada capítulo focaliza apenas um dia do ano: 15 de julho. No romance *Orlando: uma biografia*, Virginia Woolf nos apresenta um protagonista que simplesmente não envelhece. Fenômeno semelhante ocorre com o garoto de doze anos do conto *Saudações e adeus*, de Ray Bradbury. No conto *O curioso caso de Benjamin Button*, de F. Scott Fitzgerald, o protagonista nasce velho, vai rejuvenescendo ao longo da narrativa, até se transformar num feto e morrer. No conto *Viagem à semente*, Alejo Carpentier inverte a seta do tempo e a história transcorre como num filme projetado de trás pra frente: os personagens rejuvenescem, os ponteiros do relógio giram no sentido contrário, a fumaça entra na chaminé, a água sobe para a torneira etc. No curta-metragem *Palíndromo*, de Philippe Barcinski, a projeção-de-trás-pra-frente faz de uma narrativa banal algo muito interessante. No romance *O jogo da amarelinha*, Julio Cortázar embaralha a ordem dos capítulos, propondo ao leitor que leia na sequência que preferir. Numa passagem do romance *Ubik*, de Philip K. Dick, os personagens permanecem os mesmos, mas a tecnologia e os objetos retrocedem: um computador de última geração se transforma num computador de vinte anos atrás, depois numa máquina de escrever, o mesmo acontecendo com as roupas, os automóveis, os edifícios etc. No filme *O feitiço do tempo*, de Harold Ramis, o protagonista fica preso numa fatia de tempo e é obrigado a reviver o mesmo dia inúmeras vezes. Essa divertida premissa já foi usada em muitas outras obras de ficção literária e audiovisual. Em *Amnésia*, Christopher Nolan inverte o calendário, contando uma história de trás pra frente (o primeiro capítulo é na verdade o último da ordem cronológica). O mesmo ocorre no longa-metragem *Irreversível*, de Gaspar Noé, e no magnífico curta-metragem *T.R.A.N.S.I.T.*, de Piet Kroon. Em *Corra, Lola, corra*, de Tom Tykwer, o tempo cronológico apresenta bifurcações que a protagonista consegue reavaliar quando a escolha inicial dá errado. Esse filme realiza na tela a premissa de um conto de Jorge Luis Borges, o genial *Exame* da obra de Herbert Quain. Outra forma de subverter a causalidade numa narrativa é fazer o herói viajar no tempo e alterar um fato histórico qualquer. Ou encontrar seus múltiplos eus do passado e do futuro. A maioria dos escritores de ficção científica já escreveu sobre viagens no tempo. Bons exemplos na literatura e no cinema não faltam: *A máquina do tempo*, de H. G. Wells, *O fim da eternidade*, de Isaac Asimov, a trilogia *De volta para o futuro*, de

Robert Zemeckis, etc. O número de exemplos é quase infinito. No divertido conto *All you Zombies*, de Robert A. Heinlein, um viajante no tempo descobre que é, nada mais nada menos, pai e mãe de si mesmo. Esse conto ganhou uma boa adaptação para as telas, intitulada *O predestinado*, dirigida pelos irmãos Michael e Peter Spierig. No conto *O outro*, de Borges, o velho Borges tem uma provocativa conversa com o jovem Borges. No filme brasileiro *O homem do futuro*, de Cláudio Torres, o protagonista encontra-se com outros dois eus de épocas diferentes. Qualquer hora, se conseguir reunir a habilidade e o talento necessários, vou escrever a história de um sujeito que tem quarenta anos, no dia seguinte volta a ter oito (mas se lembra que já teve quarenta), no outro dia salta para os oitenta (sempre se lembrando de tudo) e assim por diante, coitado. Se essa história já foi contada num livro ou filme, por favor, me avisem. Vou querer ler-assistir.

Espaço Como subverter a categoria espacial numa obra de ficção? Adolfo Bioy Casares faz isso em sua narrativa mais famosa, *A invenção de Morel*. Numa ilha aparentemente deserta do Pacífico, um fugitivo da lei encontra um grupo de pessoas e passa a espioná-las. Mas essas pessoas, nosso pobre xereta logo descobre, não são de carne e osso. São representações tridimensionais (hologramas perfeitos) de turistas que estiveram na ilha, mas já desapareceram. O conto *Chegarão chuvas suaves*, de Ray Bradbury, é protagonizado por uma casa deserta, automatizada, numa cidade devastada. Por sua vez, Robert A. Heinlein concebe, no conto *And he built a crooked house*, uma casa em forma de hipercubo, com suas faces conectadas à quarta dimensão. Por fora, a casa é um cubo comum. Por dentro, todas as passagens levam a outros cubos, e as janelas abrem para lugares distantes no espaço e no tempo. O romance de Stanislaw Lem, *Congresso futuroológico*, fala do espaço criado apenas em nossa mente, por substâncias alucinógenas. Realidade virtual também é o tema do romance *Simulacron-3*, de Daniel F. Galouye. Há ótimas versões cinematográficas desses dois livros. No romance *Jumper*, de Steven Gould, o herói tem a habilidade de se teletransportar para qualquer lugar do planeta. O livro foi levado às telas pelo diretor Doug Liman. A redução e a ampliação do espaço acontecem em certos momentos de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. E nos filmes *Viagem fantástica* e *Querida*, encolhi as crianças. E no seriado que eu AMAVA quando era criança: *Terra de gigantes*. O espaço cotidiano também muda em *O incrível homem que encolheu*, de Richard Matheson. Nesse romance um pai de família de classe média observa que tudo ao seu redor — esposa, filhos, objetos — está ficando maior a cada dia. Ou então é ele quem está encolhendo sem parar. Outro exemplo de uso inusitado do espaço pode ser conferido no curta-metragem *Tango*, de Zbigniew Rybczynski, em que ocorre uma hipnótica sobreposição de personagens e ações. Essa também é a premissa do curta-metragem *Le portefeuille*, de Vincent Bierrewaerts, em que um rapaz pára perto de uma carteira perdida na sarjeta. A partir daí a história mostra quatro alternativas de desenvolvimento. Na primeira, o rapaz não vê a carteira e segue em frente. Na segunda, ele pega a carteira e segue em frente. Essa trilha também se bifurca: num caminho, o rapaz embolsa a grana e joga no lixo a carteira vazia. Noutro caminho, ele decide devolver a carteira com o dinheiro. Essa trilha também se bifurca. Num caminho, ele se dá mal. Noutro caminho, nada de grave acontece. O interessante é que as realidades paralelas acontecem simultaneamente, no mesmo espaço. Certas gravuras ilusionistas de M. C. Escher também perturbam nossa trivial percepção do espaço tridimensional.

* Ficcionista e crítico literário. Dos livros que publicou destacam-se *Demônios e maldições* (romance, 2010) e *Ódio sustentado* (contos, 2007), ambos pela Língua Geral. Este conteúdo, acessado em 14/12/2015, está publicado no site *Rascunho - Jornal da Literatura / Gazeta do Povo*. Todas as informações nele contidas são de responsabilidade do autor.